

MICROFÍSICA DO PODER: CONTRIBUIÇÕES E LIMITES DA OBRA DE MICHEL FOUCAULT

MICROPHYSICS OF POWER: CONTRIBUTIONS AND LIMITATIONS OF THE WORK OF MICHEL FOUCAULT

SABRINA ZEIN¹

VIVIANE COELHO DE SÉLLOS KNOERR²

“Eu agia como um boto que salta na superfície da água só deixando um vestígio provisório de espuma e que deixa que acreditem, faz acreditar, quer acreditar ou acredita efetivamente que lá embaixo, onde não é percebido ou controlado por ninguém, segue uma trajetória profunda, coerente e refletida”
(Michel Foucault)³

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo a compreensão da noção de poder na forma proposta por Michel Foucault em sua obra “Microfísica do Poder”. Para tanto, utilizou-se a leitura analítica da própria obra e de outros textos sobre o Autor. Busca-se, ainda, pontuar a existência de celeuma acerca dos métodos adotados pelo Autor para a construção do conhecimento, bem como reconhecer e explicitar suas teorias próprias da arqueologia do saber e da genealogia do poder. A análise da obra permite, de acordo com a digressão histórica e a hermenêutica discursiva do Autor, a identificação das formas preponderantes de manifestação de poder como o poder soberano, poder disciplinar e o biopoder. Evidencia-se na obra, por fim, uma limitação quanto aos

¹ Advogada especializada na área trabalhista. Professora de Prática Trabalhista para o exame nacional da OAB no Centro de Estudos Jurídicos do Paraná. Mestranda em Direito Empresarial e Cidadania no Centro Universitário Curitiba. Especialista em Direito e Processo do Trabalho pelas Faculdades Integradas Curitiba.

² Professora e Coordenadora do Programa de Mestrado em Direito Empresarial e Cidadania do UNICURITIBA. Doutora em Direito do Estado pela PUC/SP, Mestre em Direito das Relações Sociais pela PUC/SP, Especialista em Direito Processual Civil pela PUCAMP. Advogada. Líder do Grupo de Pesquisa “Direito Empresarial e Cidadania no Século XXI”, registrado no CNPq.

³ FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Organização, introdução e revisão técnica de Renato Machado. 26 ed. São Paulo: Graal, 2013, p. 263.

campos abordados, bem como uma descontinuidade entre os textos. É possível afirmar que o Autor deixa um caminho aberto para a continuidade de seu trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Poder; Genealogia do Poder; Arqueologia do Saber; Descontinuidade; Biopoder.

ABSTRACT

This article aims at understanding the notion of power as proposed by Michel Foucault in his "microphysics of power". For this, we used the analytical reading of his own work and other texts about the Author. Search is also scoring the existence of a stir about the methods adopted by the Author for the construction of knowledge, and to recognize and explain their own theories of archeology of knowledge and the genealogy of power. The analysis of the work permits, according to historical digression and discursive hermeneutics Author allows the identification of the predominant forms of manifestation of power as the sovereign power, disciplinary power and biopower. It is evident in the work, finally, a limit on the fields covered, as well as a discontinuity between the texts. It's possible to say that the Author leaves an open path to the continuity of his work.

KEY-WORDS: Power; Genealogy of Power; Archeology of Knowledge; Discontinuity; Biopower.

INTRODUÇÃO

A obra "Microfísica do Poder", objeto do presente artigo, é composta por uma coletânea de textos do Autor produzidos ao longo da segunda metade de sua trajetória acadêmica e profissional e permite perfunctória análise acerca dos temas preponderantemente abordados por Foucault como as prisões, casas de loucos, hospitais, a sexualidade, etc.

Considerando-se a significativa variação de temas, bem como a descontinuidade dos textos, objetivou-se com o presente artigo identificar os métodos utilizados pelo Autor para a produção do conhecimento, bem como a identificação básica das principais manifestações de poder reconhecidas por Foucault em sua obra.

A importância da referida análise, centrada na leitura da própria obra e de outros textos sobre o Foucault, está na relevância do tema poder seja para o campo jurídico e, sobretudo, para o contexto econômico social, de modo que a expectativa é a identificação de contribuições relevantes nessas esferas.

Apesar do Autor nunca ter se aproximado claramente das ciências jurídicas verificar-se-á se é possível identificar em suas obras uma proximidade dos temas com as disciplinas normativas.

Por fim, ainda, tentar-se-á identificar eventuais limites na obra e relevância de tais limites para o campo jurídico atualmente.

1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRAJETÓRIA DO AUTOR

Natural da cidade Poitiers, França, Paul-Michel Foucault nasceu em 15 de outubro de 1926 e faleceu em Paris, França, em 25 de junho de 1984, com 57 anos de idade, curiosamente no hospital de Salpêtrière, um dos mais estudados por ele (DIAZ, 2012: 2).

Foucault era filho de um médico-cirurgião, de quem herdou o primeiro nome Paul, mas preferia ser chamado pelo segundo nome, Michel (DIAZ, 2012: 3). Contrariou, ainda, o desejo paterno de que estudasse medicina e optou pela graduação em filosofia e psicologia, o que certamente teve grande impacto em sua trajetória.

Esther Diaz (2012: 3) utiliza-se dos próprios mecanismos de análise do autor para fazer referência à crise de identificação ele e seu pai:

“Seu pai queria que fosse médico, tal como ele era. Foucault não foi médico. Em contrapartida, denunciou os mecanismos coercitivos da prática médica. O dispositivo paterno havia proposto um objetivo estratégico: que Paul fosse médico. Mas a ‘astúcia do dispositivo’ produziu um *plus* não desejado nem esperado: um Paul que foi Michel, e um predestinado à medicina que se dedicou à filosófica.”

Além do domínio paterno ao qual se opôs, Foucault ainda enfrentava no início de sua trajetória o preconceito em relação a sua opção sexual, pois àquela época o homossexualismo era visto como doença mental ou perversão moral. A discriminação sofrida acabou por lhe gerar profundo desgosto, tendo atentado contra a própria vida em 1948 (ROCHA, 2011: 123).

Não se olvide, entretanto, que “*esse mundo de discriminação e coerção que o fortaleceu para os embates acadêmicos e intelectuais que teve que suportar por toda a vida* (ROCHA, 2011: 123)”, bem como fomentou sua incessante busca da compreensão acerca da formação, execução e consequências dos mecanismos opressores existentes na história e ao seu tempo.

Debruçando-se sobre a filosofia e a psicologia, Foucault estudou autores como Platão, Hegel, Kant, Marx, Heidegger, Husserl, Freud, Bachelard, Lacan, Kafka, etc. Contudo, conforme suas próprias declarações, o autor que realmente lhe encantou foi Nietzsche. Após se deparar com tal obra, por volta de 1952, abandonou temporariamente suas atividades de professor na escola normal superior e no hospital psiquiátrico de Saint-Anne para poder respirar novos ares (ROCHA, 2011: 124).

Esse “*breathing*” incitado pelas ideias de Nietzsche levou Foucault a se mudar para Suécia e, posteriormente, para a Tunísia, tendo visitado vários outros países, até mesmo o Brasil como palestrante, conferencista no Rio de Janeiro. É nos Estados Unidos, todavia, por volta de 1970, que Foucault experimenta sua verdadeira liberdade e, imbuído de uma forte inspiração filosófica, inicia seus estudos sobre a relação entre o saber e o poder (ROCHA, 2011: 125).

Ao longo de sua vida Foucault publicou inúmeros livros e estudos, dentre os quais algum merecem maior destaque, como por exemplo a “História da Loucura”, em 1961; “O nascimento da clínica”, de 1963; “As palavras e as coisas”, em 1963; “A arqueologia do saber”, em 1969; “A ordem do discurso”, de 1970; “Vigiar e punir”, de 1975; “História da Sexualidade” em partes I, II, e III, lançadas respectivamente em 1976, 1984, 1984 e “Microfísica do Poder”, de 1979 e objeto do presente estudo acadêmico.

Os temas envolvidos nessas obras são recorrentes, mas sempre mais aprofundados a cada novo escrito, e envolvem preponderantemente a relação entre a loucura e a psiquiatria, a medicina e a sociedade, as prisões como estruturas de vigilância e opressão, a sexualidade.

O objetivo, por seu turno, pareceu estar sendo adequado pelo Autor ao longo da sua trajetória, variando entre a identificação do sujeito, do discurso e, principalmente, da estrutura das relações de poder e suas imbricações com o saber e com a verdade.

Para alguns autores, como Esther Diaz (2012: 3), as obras de Foucault podem ser divididas em arqueologia, onde busca fazer uma ontologia histórica das relações

humanas com a verdade; a genealogia, que tenta produzir uma *“ontologia histórica dos nossos modos de sujeição em relação ao campo do poder”*, explicitando os mecanismos de ação de uns sobre os outros; e a ética, onde busca uma ontologia histórica relacionada à subjetividade humana e os questionamentos que tornam os indivíduos *“agentes morais”*

Como escreveram Dado Villa-Lobos e Renato Russo *“é tão estranho os bons morrem antes”* (VILLA-LOBOS, Dado e RUSSO, Renato, 1993), pois Foucault, certamente, ainda tinha muito a pesquisar e a contribuir ao desenvolvimento social, sobretudo quanto aos campos de estudo e objetivos por ele pretendidos.

2 AS CONTRIBUIÇÕES DA ARQUEOLOGIA DO SABER E DA GENEALOGIA DO PODER DE MICHEL FOUCAULT

Na obra *“Microfísica do Poder”* Foucault traz uma coletânea de textos elaborados por ocasião de aulas e palestras ministradas em Universidades nas quais atuou como professor ou conferencista. A obra é composta, ainda, da transcrição de algumas entrevistas e debates dos quais participou.

A obra é bastante densa e aborda, praticamente, todos os temas em relação aos quais o Autor escreveu ao longo de sua carreira sob o enfoque da identificação das relações do poder e deste com a verdade e o saber. Não se tratam, portanto, de assuntos inéditos, mas de uma nova abordagem distinta sobre temas já tratados.

Os primeiros livros editados pelo Autor não demonstravam uma colocação explícita de objetivos teóricos e políticos quanto ao contexto social (histórico e da época), sendo que tal preocupação, como bem destaca Renato Machado (2013, p: 8) surge em a *“Microfísica do Poder”*:

“A questão do poder não é mais o velho desafio formulado pelas análises de Michel Foucault. Surgiu em determinado momento de suas pesquisas, assinalando uma reformulação de objetivos teóricos e políticos que, se não estavam ausentes dos primeiros livros, ao menos não eram explicitamente colocados, complementando o exercício de uma arqueologia do saber pelo projeto de uma genealogia do poder.”

A análise e a delimitação dos métodos utilizados por Foucault não é simples e não encontra consonância entre os seus estudiosos, tornando-se ainda mais complexa quando se verifica na fala do próprio Autor o reconhecimento de uma

“*descontinuidade*” inerente à própria dinâmica social em suas obras (FOUCAULT, 2013, p: 38-39):

“Uma edição do Petit Lorusse que acaba de sair diz: “Foucault: filósofo que funda sua teoria da história na descontinuidade”. Isso me deixa pasmo. (...) Meu problema não foi absolutamente de dizer: viva a descontinuidade, estamos nela e nela ficamos; mas de colocar a questão: como é possível que se tenha, em certos momentos e em certas ordens de saber, essas mudanças bruscas, essas precipitações de evolução, essas transformações que não correspondem à imagem tranquila e continuísta que normalmente se faz? Mas o importante em tais mudanças não é se serão rápidas ou de grande amplitude, ou melhor, a rapidez e a amplitude nas regras de formação dos enunciados que são aceitos como cientificamente verdadeiros.”

De extrema importância, todavia, esclarecer que apesar do Autor admitir algumas alterações no enfoque e nas considerações quanto aos temas estudados, justificados em razão da inexatidão do saber empírico, ele é preciso ao delimitar que não se trata de uma mudança de conteúdo no sentido do reconhecimento de erros anteriores e a proposição de novas verdades. Tampouco, trata-se de “*uma alteração da forma teórica (renovação do paradigma, modificação dos conjuntos sistemáticos)*” (FOUCAULT, 2013, p: 39).

Mais adiante esclarece o Autor o que tentou delimitar especificamente nas suas obras iniciais envolvendo a estrutura interna do poder (FOUCAULT, 2013, p: 39-40):

“O que está em questão é o que rege os enunciados e a forma como eles se regem entre si para constituir um conjunto de proposições aceitáveis cientificamente e, conseqüentemente, suscetíveis de serem verificadas ou infirmadas por procedimentos científicos. Em suma, problema de regime, de política do enunciado científico. Nesse nível não se trata de saber qual é o poder que age do exterior sobre a ciência, mas que efeitos de poder circulam entre os enunciados científicos; qual é seu regime interior de poder; como e por que em certos momentos ele se modifica de forma global.”

Apesar da proficiência com a qual abordou os temas a que se propôs, percebe-se nos textos da obra ora estudada uma abertura por parte do Autor no sentido de identificar e admitir a evolução de suas ideias ao longo de sua trajetória.

Pertinente aqui o famoso trecho da canção “Metamorphose Ambulante” de Raul Seixas no sentido de que é melhor “ser essa metamorphose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo” (SEIXAS, 1973).

Foucault por ser um filósofo e psicólogo, estudioso profundo das relações humanas, jamais poderia negar a evolução de suas obras, pois a mudança é dinâmica inerente à sociedade.

A trajetória evolutiva resta evidenciada em sua obra, o que certamente contribui do ponto de vista epistemológico, pois em diversos textos o próprio Autor pôde se pronunciar acerca de seu objetivo quanto à construção do conhecimento, da verdade, das relações de poder e adequá-lo ao tempo dessa fala.

Adequadas aqui as ponderações de Deleuze (FOUCAULT, 2013: 133) declinadas ao próprio Autor no diálogo “Os intelectuais e o poder”, um dos textos contidos na obra ora estudada:

“A meu ver, você foi o primeiro a nos ensinar – tanto em seus livros quanto no domínio da prática – algo fundamental: a indignidade de falar pelos outros. Quero dizer que se ridicularizava a representação, dizia-se que ela tinha acabado, mas não se tirava a consequência dessa conversão ‘teórica’, isto é, que a teoria exigia que as pessoas a quem ela concerne falasse por elas próprias.”

Em resposta ao colega, Foucault (2013, p: 134-135) exemplifica essa questão da fala e da interpretação sobre seus textos tomando como exemplo as prisões, um dos seus campos de estudo, em relação aos qual jamais pretendeu validar a delinquência, mas sim identificar o contexto de uma estrutura onde o poder se manifesta em seu estado puro sob a prerrogativa do poder moral.

“O que é fascinante nas prisões é que nelas o poder não se esconde, não se mascara cinicamente, se mostra como tirania levada aos ínfimos detalhes, e, ao mesmo tempo, é puro, é inteiramente ‘justificado’, visto que pode inteiramente se formular no interior de uma moral que serve de adorno a ser exercício: a sua tirania brutal aparece então como dominação serena do Bem sobre o Mal, da ordem sobre a desordem.”

Verifica-se, pois, do ponto de vista epistemológico que Foucault admitiu diversas formas de produção do conhecimento quanto ao poder, fazendo uso preponderante de métodos históricos e analíticos estruturais em relação aos campos escolhidos.

Ao mesmo tempo em que Foucault busca fazer digressões históricas para compreensão de um determinado tema, também aprofunda seus estudos quanto a

alguns aspectos através do método analítico, daí a já citada identificação de tais métodos na obra “Microfísica do Poder”.

No texto “O Nascimento da Medicina Social”, por exemplo, produzido a partir de uma Conferência ministrada na Universidade Estadual do Rio de Janeiro em 1974, o Autor faz uma evolução histórica acerca incursão da medicina na Alemanha, França e Inglaterra e posteriormente passa a analisar as razões pelas quais tal ciência (médica) assume um aspecto social e de incursão na estrutura de controle estatal e, via de consequência, de poder (FOUCAULT, 2013: 153-170).

Em alguns pontos de sua pesquisa verifica-se certamente a experimentação empírica, sobretudo em razão da proximidade que teve quanto às instituições estudadas (prisões, asilos e hospitais), a exemplo do trecho acima transcrito.

Não se pode asseverar, contudo, uma unidade quanto ao método utilizado pelo Autor, pois há obras como a de Dreyfus, Hubert e Rabinow, Paul (2013: XI - XIII), que nasceram em razão do debate sobre a caracterização do discurso do Autor.

“Este livro nasceu de uma divergência entre amigos. Paul Rabinow, ao participar de um seminário, em 1979, organizado por Hubert Dreyfus e Jonh Searle, que discutiam, entre outros temas, o pensamento de Michel Foucault, objetou a caracterização de Foucault como um típico “estruturalista”. Esse desafio iniciou uma polêmica que levou à proposta de escrever um artigo conjunto.”

Interessante que os autores Dreyfus, Hubert e Rabinow, Paul (2013: XI - XIII) entendiam no início que o Foucault era um estruturalista, mas que nos trabalhos mais recentes sobre prisões e sexualidade teria se colocado numa posição interpretativa. Afirmam que “*um grupo de literatos e filósofos*” a quem apresentaram suas ideias teria afirmado convictamente que Foucault “*nunca tinha sido um estruturalista e detestava interpretações*” (DREYFUS, HUBERT e RABINOW, PAUL, 2013: XI).

Na sequência, Dreyfus, Hubert e Rabinow, Paul (2013: XI – XIII) destacam a relevância de terem entrevistado pessoalmente Foucault e esclarecido que ele não foi estritamente um estruturalista, mas que entendia o estruturalismo como uma posição avançada no campo das ciências humanas. Entretanto, não era essa a prática foucaultiana, mas sim a análise do exterior e do discurso como um domínio autônomo.

Acrescentam que “*Foucault nunca produziu uma teoria universal do discurso; ao contrário, tentou descrever as formas históricas assumidas pelas práticas*

discursivas” (DREYFUS, HUBERT e RABINOW, PAUL, 2013: XI), sendo que tal compreensão evidencia um misto entre os métodos analítico e histórico na busca pelo conhecimento.

Os autores Dreyfus, Hubert e Rabinow, Paul (2013: XII - XIII) reconhecem em Foucault um método próprio na produção do conhecimento, sobretudo a partir de 1970, quando passa a desenvolver uma arqueologia do saber, a qual objetiva uma compreensão hermenêutica do sentido, possibilitando assimilar que aquilo que parece ter um desenvolvimento contínuo é envolto de formações discursivas descontínuas (DREYFUS, HUBERT e RABINOW, PAUL, 2013: 141):

“A partir dos anos 1970, o trabalho de Foucault representou um esforço bem-sucedido para desenvolver um novo método. Tal método combina um tipo de análise arqueológica, que preserva o efeito de distância fornecido pelo estruturalismo, com uma dimensão interpretativa que desenvolve a visão hermenêutica de que o investigador está sempre situado e deve compreender o significado de suas práticas culturais a partir do seu próprio interior. Com esse método, Foucault é capaz de explicar a lógica da noção de estruturalismo como ciência objetiva, além de aparente validade da contra afirmação da hermenêutica de que as ciências humanas só podem proceder legitimamente através da compreensão do sentido mais profundo do sujeito e de sua tradição. Usando esse novo método, que chamamos de analítica interpretativa, Foucault pôde mostrar como, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se uma espécie de objeto e de sujeito analisada e descoberta pelo estruturalismo e pela hermenêutica” (DREYFUS, HUBERT e RABINOW, PAUL, 2013, p. XI-XIII).

Pertinentes, ainda, as considerações de Renato Machado (2013: 11) acerca da arqueologia do saber:

“Digamos que a arqueologia, ao procurar estabelecer a constituição dos saberes privilegiando as inter-relações discursivas e sua articulação com as instituições, respondia a como os saberes apareciam e se transformavam.”

Na sequência da arqueologia do saber, Foucault apresenta seus estudos acerca daquilo que denominou de genealogia do poder, considerada por Dreyfus, Hubert e Rabinow, Paul (2013: 141) como *“o maior passo em direção a uma complexa análise do poder, mais satisfatória e autoconsciente”*.

Sobre esse significativo passo dado por Foucault em busca do discernimento acerca das particularidades das manifestações de poder são interessantes as considerações de Ribeiro e Lourenço (2009, p: 17), sobretudo quanto ao

reconhecimento de que essa preocupação com o poder se desenvolve em nichos especializados (prisões, asilos, hospitais, etc).

“Uma das mais importantes preocupações de Michel Foucault refere-se às formas concretas de manifestações do poder. Precipualemente as limitações produzidas no regime de saber, nas verdades produzidas pelo conhecimento, as quais ligam diretamente as formas de controle e de doutrinação de corpos, domesticados em prol de condutas desejáveis esperadas pelo corpo social. A partir de exemplos históricos perquire e esmiúça as engrenagens montadas e colocadas em funcionamento pelos detentores de determinadas posições de mando. Ainda que exista farto material de registro do pensamento desenvolvido por ele, suas obras efetivamente publicadas como livro trazem referências a nichos localizáveis de atuação do poder, sem tentar realizar generalizações e abstrações absolutizantes.”

Legítimo afirmar com base no texto “Nietzsche, a genealogia e a história” que as construções de Foucault acerca da genealogia do poder tiveram relação com a sua preferência pelas ilações nietzschianas (FOUCAULT, 2013, p: 55-86), tendo o Autor afirmado que *“a genealogia é cinza; ela é meticulosa e pacientemente documentária. Ela trabalha com pergaminhos embaralhados, riscados, várias vezes reescritos”* (FOUCAULT, 2013, p: 55).

A genealogia, portanto, era o método pelo qual o Autor legitimava a persecução da evolução histórica para se enxergar aquilo que não estava expresso, ou seja, os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos, permitindo compreender as diferentes cenas onde eles desempenham seus papéis distintos nas estruturas de poder (FOUCAULT, 2013, p: 55).

Na introdução à obra “Microfísica do Poder” RENATO MACHADO reforça a origem em Nietzsche da expressão genealogia, bem como valida a ideia já citada de que Foucault jamais tratou de uma forma genérica e absoluta de poder, mas sim do poder como um aspecto fundamental no desenvolvimento das relações, especialmente aquelas de natureza política. O Autor destaca (MACHADO, 2013: 11-12), principalmente, o fato de que Foucault não queria conceituar ou definir o poder, mas sim caracterizá-lo inserido em uma gama complexa de manifestações no contexto das relações humanas.

“É essa análise do porquê dos saberes – análise que pretende explicar sua existência e suas transformações situando-os como peça de relações de poder ou incluindo-os em um dispositivo político – que em uma terminologia nietzschiana Foucault chamará genealogia.
(...)

Mas é preciso não se equivocar e se arriscar a nada compreender das investigações dessa genealogia: não existe em Foucault uma teoria geral do poder. O que significa dizer que suas análises não consideram o poder como uma realidade que possua uma natureza, uma essência que ele procuraria definir por suas características universais. Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação” (MACHADO, 2013: 11-12).

A busca pelo conhecimento de Foucault na obra abordada está centrada na compreensão do *“como do poder”*, o que significa, para o Autor, o discernimento dos mecanismos existentes entre dois pontos de referência (*“dois limites”*): a delimitação formal do poder pelas regras de direito e os efeitos da verdade que esse poder produz, transmite e reproduz. Trata-se de um relação triangular entre o poder, a verdade e o direito (FOUCAULT, 2013, p. 278).

Nesta esteira, o Autor reconhece que o campo escolhido é significativamente amplo, sendo percorrido de maneira parcial e, na sua simples definição, *“zigzagueando”* (FOUCAULT, 2013, p. 279), ou seja, suas contribuições epistemológicas são fragmentadas e sedimentadas tão somente entre os assuntos por ele estudados (prisões, medicina, sexualidade).

Pode-se atribuir relevância à busca do conhecimento também no que tange à associação entre poder e verdade, poder e saber e à desvinculação entre poder e política, pois o Autor consegue realizar alguns cortes e verticalizações desvinculados do contexto político.

No anseio de tentar esclarecer o objetivo do Autor quanto ao tema da obra, Renato Machado (2013, p. 14) explicita suas considerações:

“O que Foucault chamou *“microfísica do poder”* significa tanto um deslocamento do espaço da análise quanto do nível em que esta se efetua. Dois aspectos intimamente ligados, à medida que a consideração do poder em suas extremidades, a atenção a suas formas locais, a seus últimos lineamentos tem como correlato a investigação dos procedimentos técnicos de poder que realizam um controle detalhado, minucioso do corpo – gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos.”

Pertinente aqui a reflexão acerca de que Foucault deu à palavra poder uma conotação muito mais ampla e dinâmica, estando muito além de sua origem etimológica ou definição. O poder, para Foucault, não era uma manifestação isolada, mas ora a parte, ora o conjunto de de um todo complexo.

Dos textos colacionados em a “Microfísica do Poder” é possível identificar a presença de algumas formas preponderantes de evolução e compreensão do poder.

O Autor faz uma análise histórico analítica do chamado poder soberano (“o poder do Rei) a partir da formação dos Estados Nacionais, o qual estaria embasado soberania jurídico-política e teria origem nas monarquias e no sistema feudal. Todavia, embora reconhecido pelo Autor, a análise desse poder soberano não está nas principais linhas de abordagem da obra (FOUCAULT, 2013, p. 318-343 e 407-431).

Outra forma de poder reconhecida e validade em termos de legitimidade sistêmica pelo Autor é o poder disciplinar, aquele que se instaura nas prisões e nos laços de vigilância existentes da sociedade. Para Foucault essa seria uma forma pura, legítima de poder (FOUCAULT, 2013, p. 213-243).

O Autor distingue, ainda, o poder soberano e o poder disciplinar sob o enfoque do “*contrato-opressão*”, que tem conotação jurídica, embasamento em normas, e o analisa sob as lentes do esquema “*dominação-repressão*” ou “*guerra-repressão*”. Naquele a oposição é entre legítimo e ilegítimo e neste trata-se da questão entre luta e submissão (FOUCAULT, 2013, p. 276-277).

Aqui há significativas contribuições ao campo jurídico, pois a subjunção ou a subjugação identificadas por Foucault nessa manifestação do poder “*contrato-opressão*” servem de bases a várias relações contratuais modernas tuteladas pelo Direito, a exemplo das relações trabalhistas, onde existe o poder diretivo do empregador ou nas relações de consumo, onde se identifica uma parte hipossuficiente que não teria condições de igualar-se a parte economicamente mais forte, senão por uma equivalência ou reconhecimento jurídico.

Outra forma de poder identificada pelo Autor e de extrema importância para a construção do conhecimento é o biopoder cujo foco “*deixa de estar somente nas relações intersubjetivas e pulverizadas no cotidiano*”. A concepção de biopoder está associada às ações voltadas para a existência biológica do ser humano, sendo que a vida e a morte passam a estar tematizadas no poder e, especialmente, para a política (LOURENÇO, 2009, p. 42).

Os temas abordados pelo Autor e as formas de poder preponderantemente identificadas são de extrema relevância, embora não tenha sido esse aparentemente o objetivo da obra, para as ciências jurídicas.

São significativas as contribuições de Foucault através dos textos sobre os tribunais populares, as prisões e as casas de louco para o Direito e o Processo Penal,

pois evidencia a transformação do método punitivo para o método disciplinar, o que informa o sistema penal brasileiro e de outros países atualmente.

Não menos importantes as contribuições de Foucault quanto ao biopoder, pois a evolução das ciências médicas e das pesquisas envolvendo o corpo humano desembocaram em significativas questões e reflexões jurídicas, para as quais as noções do Autor são sempre ponto de partida.

Possível, ainda, afirmar que o Autor contribuiu significativamente para a identificação de grupos que por suas características próprias demandam, ainda que temporariamente, um tratamento constitucional ou legal diferenciado, colocando-nos em situação de igualdade formal em busca de uma concretização material da isonomia, a exemplo dos grupos homossexuais, tratados nos textos sobre a sexualidade.

As contribuições de Foucault para o campo jurídico, ainda que não manifestadas diretamente com essa intenção, são de extrema relevância e se mostram reiteradamente utilizadas e referenciadas em estudos relacionados ao campo do Direito.

3 A DESCONTINUIDADE E O CAMPO ABERTO COMO LIMITES DO AUTOR E DA OBRA

O próprio Autor reconhece a presença da descontinuidade em suas obras conforme exposto acima, aspecto que fica claro e pode ser compreendido como um limite especialmente no livro “Microfísica do Poder”, pois os textos reunidos são significativamente variados e não evidenciam um silogismo na passagem de um tema a outro.

Encontrar limites na obra de Foucault não é tarefa simples, pois ao mesmo tempo que descontínuos, os textos evidenciam uma significativa verticalização em busca do conhecimento em alguns dos temas abordados.

Todavia, a sistemática de colacionar textos e entrevistas, alternadamente, dificulta a compreensão do leitor, pois ora se está diante das considerações do Autor, ora se está diante das considerações de terceiros, sendo que muitas vezes aquele se posiciona, justifica em relação a estes. Por certo que as explicações e justificativas do próprio Autor permitem uma melhor compreensão de suas intenções, mas também

evidencia uma informalidade e a ausência de explanação quanto aos objetivos de alguns textos.

Um exemplo claro está na entrevista ou debate contido em “Sobre a justiça popular”, pois o texto se inicia com uma discussão acalorada sobre a viabilidade ou validade da criação de um tribunal popular para o julgamento da polícia, mas não há uma contextualização temporal, não há a explicação a respeito de quem são os debatedores, salvo o consignado e evidenciado na fala de que seriam maoístas.

As intenções e a justificativa para criação de um tribunal popular também não restam claras e o Autor o tempo todo afirma desconhecer o modelo chinês, mas se coloca em um debate com maoístas, o que gera uma certa dificuldade na compreensão do leitor.

Outro aspecto que pode ser compreendido como limite na obra de Foucault é a ausência de referências bibliográficas quanto às digressões histórias e estudos realizados, o que dificulta a retomada de seu ponto de partida para fins de prosseguimento de seus estudos.

Outrossim, a ausência de identificação expressa dos debatedores das entrevistas (quem são, qual seu campo de estudo e/ou abordagem, tendências, ideologias) também dificulta a compreensão da obra, sobretudo porque alguns dos entrevistadores parecem não ter atingido a expressão acadêmica de Foucault, sendo rasa a literatura sobre os mesmos.

Outro aspecto que pode ser duplamente valorado é a amplitude dos campos de conhecimento abordados por Foucault, os temas se repetem, mas cada um deles é de significativa grandeza.

A dupla valoração está no fato de que isso pode ser compreendido como um limite, pois não há o esgotamento de nenhum tema por parte do Autor e, em contrapartida, pode-se afirmar que isso teria um aspecto positivo, pois Foucault deixa um caminho aberto à continuidade de seus estudos.

Quanto à ideia de limite, interessantes as ilações do próprio Autor, acerca da suas vastas pesquisas não terem alcançado qualquer conclusão. Vejamos.

“Esse ano eu gostaria de concluir uma série de pesquisas que fizemos nos últimos quatro ou cinco anos e de que hoje me dou conta que acumularam inconvenientes. Trata-se e pesquisas próximas umas das outras, mas que não chegaram a formar um conjunto coerente, a ter continuidade e que nem mesmo terminaram. Pesquisas dispersas e ao mesmo tempo bastante

repetitivas, que seguiam os mesmos caminhos, recaíam nos mesmos temas, retomavam os mesmos conceitos, etc.
 (...) Essas pesquisas se arrastam, não avançam, se repetem e não se articulam; em uma palavra, não chegam a nenhum resultado” (FOUCAULT, 2013, p. 262).

Ainda, importante destacar que deste aspecto negativo (a ausência de conclusão ou resultado) o Autor faz um convite aos seus leitores e estudiosos afirmando que cabe uma continuidade ou a modificação de suas pesquisas (FOUCAULT, 2013, p. 263).

Aparentemente de forma poética o Autor se auto denomina um “boto” que salta na superfície d’água e deixa vestígios para que acreditem que *“lá embaixo, onde não é percebido ou controlado por ninguém, segue uma trajetória profunda, coerente e refletida”* (FOUCAULT, 2013, p. 263).

Esse aspecto da amplitude associado à ausência de conclusões tem seu lado positivo no sentido de incitar o leitor a uma continuidade nas pesquisas do Autor.

Por fim, sobre sua própria obra o Autor afirma que seu trabalho esteve envolto por uma *“preguiça febril”*, pois foi ao mesmo tempo fragmentário, repetitivo e descontínuo, o que também retrata um limite à obra. Relevante, todavia, esclarecer que o Autor, mais adiante, esclarece que essa *“preguiça febril”* muitas vezes deixa os estudos produzidos em estado de estado de latência, sendo retirados das prateleiras anos depois para a conclusão de que eram um saber inútil, o que certamente não se verifica em suas obras, pois conforme já dito são significativamente importantes suas contribuições ao campo jurídico atual (FOUCAULT, 2013, p. 263).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise realizada foi possível perceber a identificação de algumas formas de poder preponderantes na obra, quais sejam, o poder soberano, o poder disciplinar e o biopoder, extraídas pelo Autor de abordagens específicas sobre as prisões, a sexualidade, a medicina, etc.

Outrossim, verificou-se que ao longo de sua trajetória, Foucault produziu seus próprios métodos pela busca do conhecimento, desenvolvendo a arqueologia do saber e evoluindo-a para uma genealogia do poder.

Essas formas de poder contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento das ciências jurídicas, tendo a obra relevância em campos como o Direito Penal, Direito Constitucional e, sobretudo, para as imbricações atuais entre o direito e a medicina, partindo da noção do biopoder.

A obra, contudo, traz uma abordagem sem relação lógica ou desencadeada entre os textos, restando evidenciada uma descontinuidade, a qual é reconhecida pelo próprio Autor e que certamente dificulta a compreensão exata das intenções foucaultianas, ou melhor, permite uma interpretação aberta acerca de algumas afirmações.

REFERÊNCIAS

DIAZ, Esther. A filosofia de Michel Foucault. Tradução de CANDIOTTO, Cesar. 1. Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. 2. ed. ver. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Organização, introdução e revisão técnica de Renato Machado. 26 ed. São Paulo: Graal, 2013.

LOURENÇO, Frederico Ricardo de Ribeiro e. Poder e norma: Michel Foucault e a aplicação do Direito. Porto Alegre: Núria Fabris Ed., 2009

MACHADO, Renato in FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Organização, introdução e revisão técnica de Renato Machado. 26 ed. São Paulo: Graal, 2013.

ROCHA, José Manuel de Sacadura. Michel Foucault e o direito. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

SEIXAS, Raul. Metamorfose ambulante in Krig-Há, bandolo! Philips: Rio de Janeiro, 1973.

VILLA-LOBOS, Dado e RUSSO, Renato. "*Love in the Afternoon*" in As Quatro Estações. Rio de Janeiro: EMI, 1993.